

AFONSO DO PAÇO e M.^ª LOURDES COSTA ARTHUR

(Portugal)

Castro de Vila Nova de San Pedro

IV.—Sementes pre-historicas de Linho

Em trabalhos anteriores dissemos que nas escavações arqueológicas do Castro de Vila Nova de S. Pedro se tinha encontrado trigo, cevada, fava, linho e bolota (1), sem que se tivesse dado conhecimento de todos os estudos laboratoriais que sobre tais sementes pré-históricas realizou o Exmo. Engenheiro-agrónomo A. R. Pinto da Silva, a quem nos apraz, mais uma vez, manifestar o nosso reconhecimento.

A campanha de 1945, no referido castro, foi quasi toda conduzida pelo saudoso Pe. Eugénio Jalhay (2).

Nos anos anteriores tinha-se escavado a zona habitada à roda do chamado reduto central, que então se mantinha quasi intacto.

Na parte SW. deste, em local onde havia terras negras que ficaram dos trabalhos de 1937 e 1938, resolveu-se procurar o contorno do que se julgava a muralha exterior do morro, ainda mal defenida nos primeiros anos de escavações.

Encontraram-se então uns restos de paredes, de pequena altura,

(1) A. DO PAÇO e M. DE L. COSTA ARTHUR: "Castro de Vila Nova de S. Pedro": "I.—15.^a Campanha de escavações (1951)", *Brotéria*, vol. LIV, fasc. 3, Março de 1952, Lisboa, 1952.

A. DO PAÇO e M. DE L. COSTA ARTHUR: "Castro de Vila Nova de S. Pedro": "III.—Perfis de bordos de vasos nao ornamentados", *O Instituto*, vol. 115, Coimbra, 1952.

(2) A. DO PAÇO: "Castro de Vila Nova de S. Pedro: VI.—Campanhas arqueológicas de 1943 a 1950", *Arqueologia e História*, vol. III, Lisboa, 1953.

que os trabalhos agrícolas e outros teriam em grande parte destruído.

Duas delas formavam uma espécie de galeria, por seguirem uma ao lado da outra, e a 25 de Junho diz Jalhay no diário:

"A construção encontrada nos dias anteriores está a dar muitas surpresas. Ao fundo da galeria começou a aparecer de manhã uma espécie de "poço" que entra para dentro do morro.

"A tarde encontrou-se mais para dentro um arco de barro amassado e **alisado** ... Dentro desse "poço" começou a aparecer espólio variado e rico: flocos grandes, punções de osso, etc."

No dia seguinte acrescenta:

"Ao fundo da galeria encontrada há dias, no "poço" ontem identificado, apareceu um **punhado de pequenas sementes incarbonizadas**. Não sei o que será. Recolheram-se todas num envelope à parte. Até agora ainda não apareceram sementes destas".

* * *

Durante a campanha de 1952, depois de termos constatado a existência, na parte inferior do morro central, de uma camada arqueológica do Bronze Mediterrâneo I ou Bronze I, muito rica em espólio, e de restos de um sistema de muralhas postas a descoberto nesse ano, e no anterior, bem como um grande forno de cozer louça, quízemos reconhecer se a mesma camada arqueológica se manifestava por debaixo das pareditas assinaladas por Jalhay, e de facto verificamos que assim era.

O diário de 1945 fala-nos ainda de "cinzeiros" encontrados aqui e além, na camada inferior, com maior ou menor profusão de objectos.

Depois das observações que tivemos possibilidade de fazer no ano findo, tais "cinzeiros" não são, na maioria dos casos mais do que a camada arqueológica dos primeiros povos que habitaram o castro.

Ora como as sementes de linho se encontravam na base das paredes acima referidas, portanto na parte superior da camada arqueológica, deve ter-se dado qualquer fenómeno extraordinário e violento que provocou a derrocada que parece estar assinalada aqui

e além por vários destroços, entre os quais os de cerâmica com sementes de permeio.

Não julgamos de admitir um período em que o castro estivesse desabitado, entre o desaparecimento de uns povos e a vinda de outros. Este hiato, se tivesse existido, estaria certamente vincado por uma camada de terras vegetais, coisa que não se nota.

Poderia também pensar-se que as destruições resultassem de um incêndio ou de um abalo sísmico, mas a acção violenta de gentes invasoras, com a mesma civilização, parece coisa mais de admitir.

As sementes recolhidas em 1945 foram entregues para estudo ao ilustre cientista acima referido, da Estação Agronómica Nacional, que sobre elas elaborou o seguinte relato:

"A forma das sementes incarbonizadas que me foram confiadas não deixa dúvidas de que se trata de uma espécie de **linum**.

"Uma análise mais demorada permite concluir:

"a) As referidas sementes não pertencem a nenhuma das espécies citadas de Portugal como espontâneas. Não são, portanto, de **Linum hispanicum** Mill. (= **L. angustifolium** Huds). Esta e outras espécies espontâneas possuem sementes de dimensões acentuadamente menores.

"b) Pertencem a uma das espécies cultivadas ainda ao presente no nosso País, isto é, ou ao **Linum humile** Mill. ou ao **L. usitatissimum** L. Aceitando o critério de Rothmaler (1944) (e embora este autor cite o testemunho de Ebn-El-Awan no que respeita a linhos de cápsula indeiscente, que por tal característica poderiam filiar-se em **Linum usitatissimum** como cultivados já em Espanha no séc XII) é muito provável que as sementes em questão pertençam antes ao **Linum humile** Mill., espécie em que se filiam os linhos tradicionais portugueses (linhos mouriscos e linhos galegos) e não a **Linum usitatissimum** que aquele autor supõe ser de recente introdução no nosso País (3).

(3) O Sr. Prof. Dr. CARLOS TEIXEIRA comunicou-me uma amostra de linho encontrado em Conimbriga, num vaso de barro, em Setembro de 1945, cujo estado de incarbonização era semelhante ao de Vila Nova de S. Pedro.

Facto notável é que os graos deste linho são bastante maiores (4-4'5 mm.) do que os de Vila Nova de S. Pedro (ca. 3'5 mm.) (Nota de A. R. PINTO DA SILVA).

"c) Não foram encontradas, como impurezas, nenhuma
 "sementes de outras espécies, mas deve notar-se
 "que, dada a exiguidade da amostra, não se en-
 "tendeu conveniente sujeita-la a um exame comple-
 "to, a tal respeito, que destruiria documento tão
 "precioso.

"De Candolle e Rothmaler aceitam ser o **Linum humile**
 "originário da Asia Menor. Deve ter sido introduzido
 "na Península Ibérica por povos daí originários ou tendo
 "aí fortes contactos.

"O achado deste linho no castro eneolítico de Vila Nova
 "de S. Pedro vem mostrar que o **Linum humile** já era
 "conhecido no território português antes da idade do
 "ferro e antes da primeira invasão dos celtas, contrária-
 "mente à hipótese posta por Rothmaler (p. 273) de ter
 "sido introduzido por este povo por volta do ano de 1000
 "a. C. Já De Candolle admitia que na Itália se tinha
 "posto de parte o linho vivaz (**L. hispanicum** Mill.), em
 "favor de **L. humile**, antes da era cristã. Parece poder
 "confirmar-se a hipótese de De Candolle de ter sido o
 "**L. humile** introduzido no ocidente europeu durante o
 "período 2.500-1.200 a. C. Daqui teria passado a Itália
 "durante a ocupação romana. Mas note-se que, ainda
 "segundo De Candolle, os romanos importavam bons
 "linhos (manufaturados) de Espanha, "mas os nomes da
 "planta neste país não permitem supor que os fenícios
 "tenham sido os introdutores".

"A presença deste linho em Vila Nova de S. Pedro poderá,
 "assim, lançar luz sobre o problema da introdução da
 "cultura dos linhos anuais na Europa ocidental e precisar
 "a cronologia de tal acontecimento. Um estudo compara-
 "do dos linhos arqueológicos seria decerto esclarecedor.

Sacavém, 28 de Janeiro de 1953

A. R. Pinto da Silva
 Engro. Agron."

* * *

Esta colheita de sementes de linho em Vila Nova de S. Pedro veio contradizer, conforme já ficou observado, a seguinte afirmação de Werner Rothmaler:

"Os linhos chegaram ao ocidente muitos séculos depois
"de serem utilizados no Egipto. Em Portugal, parece, o
"linho foi introduzido na idade do ferro com a primeira
"invasão dos celtas, aproximadamente no ano 1000 a.
"C. (4).

Rothmaler, que escreveu provavelmente em 1943 (5), apesar de se referir principalmente a linhos portugueses, certamente desconhecia uma publicação cerca de nove anos mais velha que o seu trabalho, e se refere a linhos encontrados na região de Almizaraque pelos irmãos Siret e que o Dr. Fritz Netolitzky estudou a pedido do Prof. Hugo Obermaier (6), isto sem falar da obra monumental "Les premiers âges du métal dans le Sud-est de l'Espagne" (7), onde também há varias notícias de tecidos e sementes daquela planta.

Dos linhos de Almizaraque diz-nos o Prof. Dr. Júlio Martínez Santa-Olalla no seu trabalho "Cereales y plantas de la cultura ibero-sahariana en Almizaraque" (Almería) (8).

"**Linum usitatissimum** se encontró en la casa número 15
"en forma de semillas extraordinariamente carbonizadas,
"que tan sólo permiten asegurar se trata de lino, varie-
"dad indeterminable, que probablemente es el **usitatissi-**
"**mum** o alguna muy próxima de aquella. El uso probable
"del lino, de ser único, era como productor de aceite
"vegetal, aunque es posible, por el complejo cultural a
"que pertenece, se cultivase también como fibra textil,
"según parece deducirse del análisis superficial de
"ciertos hallazgos en las tumbas de la ciudad algaríense

-
- (4) W. ROTHMALER: "Sobre a sistemática e a sociología dos linhos de Portugal", *Agronomía Lusitana*, vol. VI, tomo III, Lisboa, 1944, pp. 272-273.
Veja-se ainda a observação deste autor sobre linhos em "Roteiros das plantas cultivadas até Portugal", *Revista Agronómica*, vol. XXIX, núm. 3, Lisboa, 1941, pp. 323 e seg.
- (5) Em nota deste trabalho diz-se que o texto foi entregue, para publicação, em Dezembro de 1943.
- (6) F. NETOLITZKY: "Kulturpflanzen und Holzrest aus dem Prähistorischen Spanien und Portugal", *Buletinul Facultatii de Stiinte din Cernauti*, vol. IX, 1935, p. 4.
- (7) H. et L. SIRET: "Les premiers âges du métal dans le sud-est de l'Espagne" Anvers, 1887. Veja-se ainda destes autores: "Las primeras edades del metal en el Sudeste de España", Barcelona, 1890.
- (8) Cuadernos de Historia Primitiva, Año I, núm. 1, Madrid, 1946, pág. 42.

"de La Bastida, de Totana (provincia de Murcia), que "excava el Seminario de Historia Primitiva del Hombre. "Este lino procede seguramente del **angustifolium**, que "crece silvestre en la cuenca mediterránea (países "litorales) y que es distinto del lino índico y del centro-europeo, que termina, en fecha tardía, por substituir, en "el centro de Europa, el palafítico".

* * *

Enquanto que as sementes de linho recolhidas por Siret, não permitiram a F. Netolitzky determinar a variedade, mas tão somente afirmar que se tratava de linho, as que se encontraram em Vila Nova de S. Pedro, deram ao nosso ilustre colaborador para sementes pré-históricas, a possibilidade de ir mais além e admitir como pertencentes ao **Linum humile**.

Martínez Santa-Olalla supõe ainda que a cultura de linho em Al-mizaraque se destinasse também à extração de óleo vegetal e Siret, ao descrever-nos o espólio arqueológico de Zapata fala-nos de "graines de lin... et des cordes en sparte carbonisées" (9), e em El Argar de "tiges de lin avec racines et fruits" (10) e ainda da vários restos de tecidos de linho "toujours collés aux pendants d'oreilles, aux bracelets, aux haches ou aux poignards. Ils ont donc été conservés, grace a l'imprégnation des sels métalliques qui ont en quelque sorte incrusté le tissu" (11).

O Prof. Clark, ao tratar de linhos pré-históricos da Europa, refere os achados de Siret quando estuda os textos vegetais (12).

Presumindo alguns autores que as placas de barro retangulares ou quadradas, providas de orifícios aos quatro cantos, sejam simples pesos de tear, e aparecendo elas em Vila Nova de S. Pedro com as sementes de linho, certamente não será erro admitir uma indústria local de fiação e tecelagem, associada à cultura daquela planta.

Tal dedução também nos levaria a aceitar a existência da mesma indústria nas estações pré-históricas portuguesas em que

(9) H. et L. SIRET: "Les premiers âges du métal...", pág. 103.

(10) Ibid.: planche 24.

(11) Ibid: pp. 143 a 154.

(12) J. G. D. CLARK: "Prehistoric Europe. The economic basis", London, 1952, p. 233.

são vulgares as referidas placas, como: Outeiro da Assenta, Outeiro de S. Mamede, Pragança, Penedo, Fórnea, Cavaleiro, Olelas, Liceia, Rotura, Chibanes, Pavia, Mértola, Pedra de Ouro, Ota, Vidais (Marvão), etc., e consequentemente nas espanholas de Tres Cabezos, Lugarico Viejo, Ifre, Zapata, El Argar, El Ofício, Fuente Alamo, Fuente Vermeja, Acebuchal, Mas de Menente e Velez Blanco (13), onde se recolheram dos mesmos objectos, apesar da maioria delas não nos ter revelado sementes ou tecidos de linho.

Não nos parece de admitir que a sua cultura fosse praticada só por um aglomerado, ou mesmo por um reduzido número, em detrimento de outros que o receberiam por simple exportação. As sementeiras de linho por habitantes daquelles castros, talvez, como as outras culturas, um pouco comunitárias, deviam ser de molde a que cada um se bastasse a si próprio.

Lisboa, Janeiro de 1953.

(13) A. DO PAÇO: "Placas de barro de Vila Nova de S Pedro", Congressos do Mundo Português. I Congresso (Porto 1940), vol. I, Lisboa, 1941, pág. 233.

